

Só no ano passado, os quatro maiores bancos cobraram mais 90 milhões de euros em comissões. A Deco diz que "não há nada que justifique" os aumentos e acusa a banca de estar a cobrar por serviços não prestados

Os custos das contas ordenado nos cinco maiores bancos portugueses aumentaram 47% em 2015 e 2016. E as anuidades dos cartões de débito também estão mais caras. No final do ano passado, custavam mais 28% - o aumento médio aplicado pelos 17 maiores bancos a operar em Portugal. E não são apenas os aumentos que saltam à vista. De acordo com a Deco, há cada vez menos isenções e serviços que até agora eram gratuitos, como as operações via homebanking, já implicam custos. E mesmo que o dinheiro esteja parado na conta, sem nenhum produto ou serviço associado, os bancos estão a cobrar comissões de manutenção.

Só no ano passado, os quatro maiores bancos - CGD, BCP, BPI e Santander Totta - arrecadaram 1371 milhões de euros em comissões líquidas, mais 90 milhões do que no ano anterior. A evolução dos preços é um dos argumentos da banca para justificar a subida. Mas o aumento médio das anuidades dos cartões de débito ultrapassou em 56 vezes a inflação, sublinha Nuno Rico, economista da associação de defesa do consumidor. "Não há nada que justifique esta subida."

Nuno Rico defende que há "dois momentos distintos" neste processo. Em primeiro lugar, o incentivo à utilização do cartão de débito, que permitiu aos bancos "poupanças de muitos milhões de euros, quer em termos de pessoal quer em termos de estrutura física", e que acabou por terminar com a cobrança de anuidades, "que já superam, em média, os 15euro euros". Agora, os bancos começam a taxar operações via homebanking, como as transferências. "Uma vez que somos nós que fazemos as operações e assumimos o risco, o homebanking permitia-nos aceder à gratuidade. Hoje já nem isso nos é garantido."

O economista diz que os bancos "estão à procura de compensar as receitas que deixaram de ganhar pela sua habitual atividade de intermediação financeira". Com as taxas de juro historicamente baixos, a banca "virou-se para as comissões como a nova fonte de receita".

A "lógica está completamente invertida". Se o início do negócio da banca era "receber depósitos, pagar por esses depósitos e depois vender esse montante, ganhando na intermediação financeira", agora a situação é outra. "Os bancos já não nos paga, nem sequer

em juros, e obriga-nos a pagar para lá colocarmos o nosso dinheiro."

A adequação do modelo de negócio para garantir a "qualidade do serviço prestado" e a eficiência dos "meios de pagamento colocados à disposição dos clientes" explicam os aumentos, defende o BCP, o único dos cinco maiores bancos - CGD, Millennium BCP, Santander Totta, BPI e Novo Banco - que respondeu ao Dinheiro Vivo sobre os ajustes nos preçários.

O banco liderado por Nuno Amado explicou ainda que a regulamentação europeia aprovada em 2015, que levou a mudanças significativas no modelo de negócio dos cartões, causou uma "diminuição significativa dos proveitos". Esta quebra teve de ser compensada com "o incremento do valor das anuidades", que o BCP procurou aplicar "progressivamente", para evitar "impactos significativos e repentinos para os consumidores".

O BCP diz que não estão previstos novos ajustamentos nas comissões de manutenção das contas à ordem. O mesmo para as anuidades dos cartões, embora com a ressalva de que o "acompanhamento permanente da evolução do negócio" possa originar novas alterações.

"O cerco tem vindo a apertar-se e há cada vez menos possibilidades de fugir a estes custos", diz Nuno Rico. Em alguns bancos, perderam-se as vantagens da domiciliação do ordenado, até agora uma das principais recomendações da Deco para evitar custos. Agora, o consumidor precisa de adotar uma atitude proativa e procurar "as soluções mais baratas".

COMISSÕES BIZARRAS

Depositar moedas

> Mais de 100 moedas depositadas ao balcão podem custar perto de três euros, alerta a Deco. Quase todos os bancos portugueses cobram por esta operação e o montante depositado fica cativo durante dias.

Enganos no Iban

> Nas transferências toda a atenção é pouca. Se se enganar no IBAN do destinatário, pode

anular a operação, mas este serviço custa, em média, 24,79 euros. Desde 2013, o valor desta comissão cresceu 25%.

Esquecer o PIN

› A recuperação do PIN tem um custo médio de 7,21 euros na banca portuguesa.

Renegociar o crédito

› O crédito à habitação pode ser renegociado, mas há custos. O valor cobrado por estas operações pode rondar, de acordo com os cálculos da Deco, 125,93 euros.

Joana Rebelo Morais | Diário de Notícias | 23-04-2017